



Joe Biden, presidente dos EUA, ordena à comunidade de inteligência a apresentação, em um prazo de 90 dias, de um relatório sobre a fonte da covid-19. Crescem suspeitas de que coronavírus possa ter surgido de acidente em laboratório de Wuhan, no centro da China

Em busca da origem

» RODRIGO CRAVEIRO

» Eu acho...



"As ações do presidente Biden são motivadas por alguma informação nova que sugere perguntas que precisam ser melhor compreendidas. Mas não significa que eu acredite que o vírus se originou do laboratório de Wuhan. Isso não é conhecido."

Robert C. Gallo, cofundador do Instituto de Virologia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland e da Rede Global de Vírus, e um dos cientistas que isolaram o HIV nos anos 1980

Os serviços de inteligência dos Estados Unidos têm três meses para informar à Casa Branca se a covid-19 surgiu na China a partir do contato com um animal ou de um acidente no laboratório do Instituto de Virologia de Wuhan, na província de Hubei (centro). O ultimato foi anunciado, ontem, pelo próprio presidente norte-americano, Joe Biden. "Pedi à comunidade de inteligência para que redobre os esforços na coleta e análise de informações que possam nos aproximar de uma conclusão definitiva e para que reporte a mim em 90 dias", afirmou, em comunicado à imprensa. "Como parte deste relatório, solicitei áreas de investigação adicional que podem ser necessárias, incluindo questões específicas para a China."

Biden também exigiu que o Congresso seja "totalmente informado" sobre o avanço da investigação. O presidente advertiu que "o fracasso em colocar inspetores" do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças) "sempre dificultará qualquer investigação sobre a fonte da covid-19".

A pressão da Casa Branca para decifrar a origem do Sars-CoV-2 — que matou 3,4 milhões de pessoas no mundo, incluindo 454.429 brasileiros — ocorre no momento em que Austrália, Japão e Portugal pedem à Organização Mundial da Saúde (OMS) a apuração dos fatos sobre a origem da pandemia. Depois de visitarem Wuhan, no início do ano, especialistas da OMS concluíram que a transmissão da covid-19 a partir de um animal intermediário é uma hipótese "muito provável". Segundo eles, a tese avalizada pelo ex-presidente Donald Trump de que o coronavírus surgiu de um incidente em laboratório é "extremamente improvável".

Mais cedo, as autoridades chinesas acusaram os EUA de espalhar "teorias conspiratórias". O jornal *The Wall Street Journal* publicou que teve acesso a dados secretos da inteligência americana

na relatando que três cientistas do Instituto de Virologia de Wuhan haviam apresentado, em novembro de 2019, "sintomas compatíveis tanto com os de covid-19 quanto de uma infecção sazonal". A informação, negada categoricamente por Pequim, sugere que o coronavírus possa ter "escapado" do laboratório em Wuhan. De acordo com Biden, os EUA seguirão trabalhando com parceiros para pressionar a China a participar de uma "investigação internacional completa, transparente e baseada em evidências".

Prevenção

Cofundador do Instituto de Virologia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland e da Rede Global de Vírus, e



CORONA VÍRUS

Hector Retamal/AFP



Protegidos com macacões e máscaras, médicos de Wuhan observam homem que morreu na calçada, logo no início da pandemia, em janeiro de 2020

um dos cientistas que isolaram o HIV (vírus causador da Aids) nos anos 1980, Robert C. Gallo disse duvidar que Biden obtenha uma resposta definitiva em 90 dias. "Conhecer a origem do coronavírus pode ajudar na prevenção de futuras doenças. Nós devemos, pelo menos, tentar descobrir como o Sars-CoV-2 surgiu", afirmou ao *Correio*.

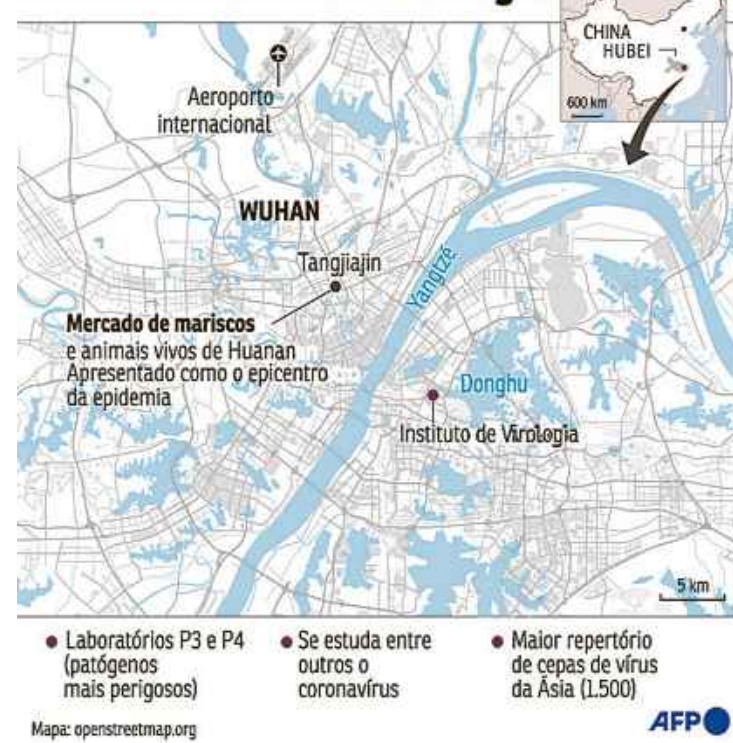
Joel Wertheim, professor de medicina da Universidade da Califórnia, San Diego, concorda que a descoberta da origem do Sars-CoV-2 é importante para a compreensão do início da atual pandemia da covid-19. "Isso também reduzirá a probabilidade de futuras pandemias. Uma das grandes questões sem resposta é como o Sars-CoV-2 veio do sul da China, onde vírus similares circulam, até a cidade de Wuhan, onde os

primeiros casos humanos foram vistos", explicou à reportagem.

De acordo com Wertheim, não existem evidências, no genoma do coronavírus, capazes de sugerir sua criação em laboratório. "O Sars-CoV-2 se parece com um coronavírus que circula naturalmente, embora nunca antes visto. Os coronavírus zoonóticos (transmissíveis de um animal para o homem) são frequentes. O Sars-CoV-2 é o terceiro coronavírus letal a surgir entre os humanos nas últimas duas décadas, precedido pelo Sars-CoV e pelo MERS-Cov. Apenas porque não encontramos um reservatório ou um hospedeiro, não significa que ele não exista", comentou.

Ele admite, no entanto, que outros vírus escaparam de laboratórios antes, como o próprio HIV e H1N1 (influenza). "É muito mais provável que um microorganismo nunca antes visto tenha 'saltado' para humanos naturalmente."

Wuhan e o instituto de Virologia



VATICANO

Papa brinca sobre o Brasil: "Vocês não têm salvação"

Era a última oportunidade para o padre paraibano João Paulo Souto Victor, 37 anos, assistir à tradicional audiência geral do papa Francisco antes do retorno a Campina Grande (PB), na próxima semana. Para coroar o fim de 1 ano e 8 meses de mestrado em teologia moral no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, o padre Carlos Henrique Alves de Resende, 40, da diocese de Divinópolis (MG), sugeriu ao colega de curso e amigo que faria o papel de cameraman. "O desejo era registrar esse momento para que ele pudesse voltar ao Brasil com essa lembrança", contou ao *Correio*, por telefone, de Roma. Assim que Francisco se aproximou, o padre João Paulo teve uma ideia. "Depois da catequese, como de costume, ele saía os presentes. Pedi uma bênção para os brasileiros por causa do momento em que estamos. Antes da bênção, de forma muito afetuosa, carinhosa e extrovertida, como sempre, ele brincou conosco. Foi espontâneo. Não esperava receber a bênção papal, muito menos essa repercussão", disse o paraibano.

Com a câmera na mão, o padre Carlos flagrou o pedido do amigo. "Santo Padre, reze pelos brasileiros...", clamou João Paulo, em italiano. A resposta do papa deixou o paraibano sem reação. "Vocês não têm salvação", brincou Francisco, usando o mesmo idioma e balan-

Ao meu pedido de bênção, ele brincou e, depois, abençoou minha testa com o sinal da cruz"
Padre João Paulo Souto Victor, 37 anos



çando a cabeça, negativamente. "É muita cachaça e pouca oração", continuou o pontífice, entre gargalhadas. Francisco colocou a mão sobre a frente de João Paulo e completou: "Rezo sempre pelo Brasil".

Arquivo pessoal



Santo Padre, reze pelos brasileiros..."

Vocês não têm salvação. É muita cachaça e pouca oração"

"Não foi nada marcado. Foi uma espontaneidade, ao fim da catequese. Ao meu pedido de bênção, ele brincou e, depois, abençoou minha testa com o sinal da cruz. Foi um momento extrovertido e,

ao mesmo tempo, natural. Foi bem especial", admitiu o padre João Paulo. Ele classificou como "inexplicável" a reação do pontífice. "Eu não esperava essa brincadeira, né? Quando a gente pede a bênção, sempre acha que vem a questão da formalidade. Mas, quando nós, brasileiros, falamos com o papa Francisco, ele sempre brinca conosco, sempre afetuoso."

Indagado sobre o que mais lhe marcou no momento flagrado em vídeo que viralizou, o paraibano admitiu a surpresa. "Pra ser sincero, não tive como reagir. Demorou um pouquinho, mas foi muito eterno. Guardo na lembrança o brilho do olhar e o sorriso expressivo, natural, profundo e envolvente", disse o padre João Paulo.

Segundo o padre Carlos Henrique, a esperança da dupla era apenas de se aproximar de Francisco. "O Santo Padre, em um sorriso e em um ambiente de muita liberdade, proximidade e muito carinho, disse, então, que nós não tínhamos salvação, porque no Brasil é muita cachaça e pouca oração", relatou, aos risos. "Ele concluiu dizendo que reza sempre pelo Brasil e que tem um carinho grande pelos brasileiros. Nós tínhamos reservado aquele momento como uma comédia, uma piada. De repente, isso viralizou para todo o Brasil." (RC)

AFP



Um beijo sobre o símbolo do horror nazista

Em outro momento da audiência geral, no Vaticano, o papa Francisco demonstrou, mais uma vez, espontaneidade. Em um gesto solene, que simbolizou solidariedade, o pontífice beijou o número de detenção tatuado no braço de uma sobrevivente do Holocausto. Lidia Maksymowicz, 81 anos, polonesa de origem bielorrussa, deportada em 1943 para o campo de Auschwitz Birkenau quando tinha menos de três anos de idade, também foi vítima das experiências do criminoso de guerra Josef Mengele. Entre os presentes na audiência realizada ao ar livre, a idosa aproveitou para cumprimentar o pontífice no final do encontro. Depois de trocarem algumas palavras, ela puxou a manga para mostrar ao sumo pontífice a tatuagem com o número 70072, marcada pelos nazistas quando ela entrou no campo de concentração. O papa argentino se inclinou para beijá-la, e a sobrevivente, comovida, abraçou-o, também de forma espontânea. "Com o Santo Padre nos entendemos com um olhar, nenhuma palavra foi necessária", confidenciou a senhora depois de seu encontro com o papa, segundo o portal de notícias do Vaticano.